

O ensino da oralidade

Carla Marques

O ensino da oralidade constitui um dos grandes desafios que se colocam à disciplina de português no atual contexto. A importância fulcral das competências relacionadas com o saber ouvir e o saber falar é reconhecida pelo *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, documento que lhes atribui uma centralidade compatível com a relevância que assumem para o exercício completo da cidadania e para o desenvolvimento profissional e pessoal.

É também hoje sobejamente consensual que o domínio da oralidade não resulta de um inatismo mais ou menos fatalista, dominado por uns e inacessível a outros. Pelo contrário, a oralidade ensina-se e aprende-se, trabalha-se e desenvolve-se. Ciente desta realidade, a escola tem de assumir o papel de ensinar efetivamente a oralidade, em todas as dimensões, em todos os ciclos de ensino e mobilizando todos os instrumentos disponíveis.

Sendo sensível a este desígnio, a presente edição da *Palavras* convidou à reflexão em torno do tema da oralidade e da sua didática especialistas de diferentes áreas, procurando, assim, abrir caminhos possíveis para o desenvolvimento de práticas de ensino-aprendizagem no âmbito do domínio do oral. E porque a partilha de experiências é sempre um excelente pano de fundo para o início da construção de algo novo, este número abre com uma entrevista a Joaquim Dolz, uma das figuras internacionais mais marcantes na área dos estudos da oralidade. Carla Marques e João Pedro Aido conduzem uma entrevista onde se abordam variadíssimas questões consideradas centrais para a construção de um pensamento renovado em torno das práticas e do ensino-aprendizagem da oralidade.

A revista inclui um conjunto alargado de artigos que, tomando a oralidade como ponto de partida, se centram em aspetos específicos deste domínio, permitindo uma compreensão dos planos em que se desdobra o ensino desta competência e das áreas com as quais se poderá articular. Antes de mais, para conhecer o panorama do ensino do oral em Portugal, é importante identificar as perceções que os professores têm da sua atividade neste âmbito, o seu sentimento de competência para ensinar o oral ou as práticas por eles desenvolvidas. Luciana Graça apresenta um estudo que contribui para um conhecimento mais sistematizado desta realidade. Noémia Jorge e Inês Carreira, por seu turno, abordam o conteúdo escolar apresentação oral, definindo-o como um macrogénero presente em todos os ciclos do percurso escolar, no qual se deverá investir do ponto de vista quer da investigação quer da apropriação didática. José Esteves Rei dedica o seu artigo ao plano não verbal do oral, deixando inúmeras sugestões que contemplam um eixo da expressão oral que deverá ser mobilizado de forma mais frequente e mais explícita nas práticas letivas. Adelina Castela, por sua vez, vem colocar em lugar de destaque a competência da compreensão do oral, uma área nuclear para o desenvolvimento pleno da oralidade. Considerando a competência metafonológica em todos os ciclos de ensinamentos, demonstra-se a sua importância e equacionam-se os desafios que convoca.

Sendo a oralidade um elemento nuclear para o desenvolvimento da aprendizagem de qualquer língua, será importante considerá-la também no contexto do ensino do português língua não materna. Ana Boléo enquadra o seu artigo nesta problemática com enfoque na análise crítica dos documentos curriculares de referência relacionados com a docência desta disciplina. João Paulo Pereira, por sua vez, apresenta o projeto “Português à vista”, no qual foram desenvolvidos recursos educativos digitais que permitem o trabalho da compreensão do oral em PLNM, com recurso a abordagens metacognitivas. Também neste âmbito, o autor apresenta um projeto de plataforma digital de materiais didáticos audiovisuais para o ensino e aprendizagem do ensino do português língua não materna, resultante de uma investigação levada a cabo na Universidade de São José, em Macau.

O ensino da oralidade pode articular-se com muitos outros domínios, desde a literatura, como demonstra Elisabete Bárbara, às práticas de leitura, o que fica evidente no artigo de Paulo Condessa, onde se reflete

sobre um processo cocriativo ao serviço do desenvolvimento das competências da comunicação não formal e do desenvolvimento das relações humanas.

A compreensão da situação do ensino da oralidade em Portugal e a identificação de outros percursos possíveis poderão ser aprofundadas por meio do cotejo com a realidade de outros países. O artigo conjunto das investigadoras brasileiras Luzia Bueno, Débora Amorim G. da Costa-Maciel, Tânia Guedes Magalhães e Letícia Jovelina Storto enquadra-se neste objetivo ao analisar criticamente as dimensões da oralidade previstas nos documentos oficiais da educação no Brasil.

O ensino específico da oralidade também não poderá deixar de lado o domínio da avaliação, e em particular da avaliação externa da expressão oral, uma possibilidade que parece começar agora a dar os primeiros passos. Paula Simões apresenta um artigo no qual reflete sobre aspetos cruciais da competência comunicativa, que poderão abrir caminho a um processo de avaliação ou de classificação do domínio oral dos alunos.

A revista *Palavras* integra ainda uma secção dedicada aos domínios da escrita e da gramática, que reúne três artigos: o texto de autoria de Lúcia Lemos, Rosa Lídia Coimbra e Inês Cardoso, que propõe uma sequência de ensino para abordagem do texto de opinião no 9.º ano; o artigo de Cláudia Pereira e Joana Bebianio Mendonça, que apresenta uma sequência didática para tratamento dos quantificadores no 1.º ciclo do ensino básico; e o texto de apresentação e avaliação do recurso pedagógico “EAP – Ensinar e Aprender Português”, destinado ao apoio dos alunos e à recuperação de aprendizagens, por Fernanda Leopoldina Viana.

Que este número da revista *Palavras* possa efetivamente constituir um passo seguro rumo a um ensino mais fundamentado, mais estruturado, mais consciente e mais eficaz da oralidade. A escola, os professores e os alunos bem o merecem!